



Caricatura de Rousseau (SOÉTARD, 2010)

TRICENTENÁRIO DE ROUSSEAU*: QUAL A SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA?

Jilvania Lima dos Santos Bazzo**
Norberto Dallabrida***

À celebridade de Rousseau nem sempre corresponde um conhecimento do seu pensamento, ligado frequentemente a alguns lugares comuns sobre a bondade natural do ser humano, o mito do "bom selvagem", o contrato social ou a "vontade geral". Importa hoje reler e redescobrir a obra do autor e o seu significado contemporâneo. (SACADURA, 2012, p. 01)

Em 28 de junho de 2012, comemorou-se o trigésimo centenário de nascimento de Jean-Jacques Rousseau, nascido em Genebra e considerado um dos mais polêmicos filósofos do século das luzes. O NEPET, grupo de pesquisa voltado para compreender a relação entre ciência, tecnologia e sociedade, neste ano festivo, não poderia deixar de participar dos debates acerca de um dos autores mais referenciados na área tecnológica, quer seja para contrapor que seja para ratificar suas ideias.

Ademais, ao se findar um ano, geralmente se faz um balanço, sobretudo acerca dos processos educacionais em contextos atuais de tecnologia digital. Se lido atentamente o fragmento de abertura dessa reflexão, observa-se que há um convite para ressignificar o pensamento rousseauiano sem esquecer a sua dimensão histórica e a interpelação do tempo presente à luz das questões levantadas pelos seus textos. O

* Em virtude de ser 2012 o ano de celebração do aniversário de Jean-Jacques Rousseau, publicaremos um artigo intitulado “Tricentenário de Rousseau: a educação comemora?”, no Jornal da Educação – edição de dezembro, na coluna dedicada à educação em perspectiva histórica. Nela foram apresentadas as principais contribuições do filósofo iluminista para o processo de desenvolvimento humano, sobretudo para o movimento escolanovista. Ressalta-se, quando da sua publicação, uma versão também *on line*: www.jornaldaeducacao.inf.br.

** Professora da UDESC, é integrante do Grupo de pesquisa PROLINGUAGEM da FAED/UDESC e do Núcleo de Pesquisa em Educação Tecnológica – NEPET/ CTC/UFSC. Atua também no curso de Pós-Graduação *lato sensu* em “Desenvolvimento e Tecnologia”, da Unochapecó e da Universidade do Contestado. E-mail: jilvaniabazzo@gmail.com

*** Professor da UDESC e coautor de “**A Escola da República**: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918), Editora Mercado de Letras, 2011. E-mail: norberto@udesc.br

inverso também é verdadeiro: questionar os seus pensamentos a partir dos problemas atuais, mas, de certo, evitando certamente os anacronismos. (SACADURA, 2012)

No campo educacional, um dos livros mais discutidos de Rousseau certamente é o “Emílio, ou da Educação”, publicado em língua portuguesa pelas editoras Martins Fontes, Bertrand Brasil e Difusão Europeia do Livro. Com esta obra, Rousseau inaugura um gênero textual conhecido como *Bildungsroman*, termo alemão para designar um tipo de romance – de aprendizagem ou formação, em que é exposto de forma pormenorizada o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, estético, social e político de uma personagem, geralmente desde a sua infância ou adolescência até um estado de maior maturidade.

“Emílio” é composto de cinco capítulos, incluindo prefácio, introdução e breve cronologia sobre Rousseau. Em linhas gerais, há uma densa discussão sobre a lei da necessidade e da utilidade e sobre o que é apropriado e bom para a formação humana. Ele apresenta dois estágios do desenvolvimento humano. O primeiro diz respeito ao aprendizado da dor. É o estado da idade da natureza – razão sensitiva –, e da idade da inteligência – razão intelectual. O segundo se refere à saída do indivíduo da infância, que seria a idade da energia, da força vital, sendo que, a partir dos vinte anos, as pessoas viveriam a idade da sabedoria, marcada essencialmente pela problematização, do pensar mais radical, especialmente, pela capacidade de estar apaixonado e se apaixonar.

No mundo contemporâneo, o movimento escolanovista, que emergiu entre o final do século XVIII e o início do XX, adotou Rousseau como a principal referência. Pensadores da Educação como Édouard Claparède, Adolphe Ferrière e Roger Cousinet conferem ao filósofo genebrino o prestígio de “precursor da Escola Nova”. A partir da década de 1960, quando as escolas alternativas se pautam na *Summerhill*, Rousseau novamente é revisitado para arejar a democracia na escola. Como nas tradições mais radicais do movimento escolanovista, o conceito rousseauiano de “educação negativa” é apropriado para construir experiências escolares participantes e democráticas.

Há, portanto, na educação, o marco histórico do aporte teórico de Rousseau para se pensar o processo de desenvolvimento humano. E no campo da Ciência e Tecnologia (C&T), quais as suas efetivas contribuições? Por que (não) devemos comemorar seu aniversário? De forma despretensiosa, poderíamos afirmar que, tal qual Rousseau, vivemos sob a égide da desconfiança. Podemos ainda lembrar Kierkegaard (2003), “é preciso duvidar de tudo”, percebendo nele traços do filósofo genebrino. Com isso já deixamos evidenciada a nossa visão, um tanto cética, em relação ao desenvolvimento tecnológico caminhar *pari passu* ao desenvolvimento humano.

Não quero que se entre por nada disso num gabinete de física experimental; todos aqueles instrumentos e aquelas máquinas me desagradam. O ar científico mata a ciência. Ou todas aquelas máquinas amedrontam uma criança, ou seus aspectos dividem e roubam a atenção que ela deveria dar a seus efeitos. (ROUSSEAU, 1999, p. 218)

Eis uns dos princípios éticos a serem incorporados nas atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas dentro e fora das instituições de ensino superior: priorizar o humano em detrimento da máquina, ser questionador, duvidar daquilo que se apresenta como “verdade”. E, de maneira generosa, a partir daquilo que se mostra como “a verdade”, fazer as escolhas em prol do bem coletivo. Sim, ainda que se negue o contrário, é preciso desconfiar dos constructos humanos face aos valores estruturantes ainda presentes na (pós)modernidade: progresso, conhecimento científico, consciência de si, autonomia do sujeito, ou racionalidade. Eis aí também um dos nortes fundamentais dos ideais rousseauianos.

[...]Esta situação ambivalente aproxima-nos da vivida por Rousseau, mas o seu gênio avulta quando temos em conta que a crítica da modernidade, da racionalidade e da

técnica foi por ele efectuada num tempo em que não eram patentes, como hoje, os seus efeitos negativos, tanto no âmbito dos problemas ambientais, como no do potencial destrutivo da aplicação das descobertas científicas à produção de armas como a bomba de hidrogénio. (SACADURA, 2012, p.01)

Creemos de igual modo que no século XXI, em franca produção de bens e serviços, a civilização humana contraditoriamente se beneficia dos avanços científico-tecnológicos em nível econômico, educacional e sociocultural. Contraditório, pois de certa maneira promove uma acirrada segregação entre as pessoas: de um lado causa a pobreza de muitos indivíduos e, do outro, favorece o acúmulo de riquezas dos poucos. De certo essa minoria legisla em causa própria. É ela quem cria as condições necessárias para a manutenção dos seus privilégios, que são derivados diretamente da produção exacerbada e do consumo desmedido da tecnologia. Sem dúvida, nunca fomos tão iluministas quanto no tempo de agora.

Segundo Sacadura, o projeto previsto entre os séculos XVI e XVIII tinha como objetivo ‘reformular a sociedade e a cultura em função de um programa racional’. A tensão resultante entre a razão, a ciência, a técnica ou a liberdade e o obscurantismo, a ignorância ou a opressão continua a assinalar a nossa época. Porém, se por um lado, avançamos no projeto de humanidade dos ideais iluministas, como o dos direitos humanos e o da democracia, por outro continuamos enfrentando os problemas de programarmos ações cotidianas em função da racionalidade técnica, cujas ressonâncias e reflexos sentimos nas escolas da educação básica e nas instituições de ensino superior – e, de um modo geral, nos demais ambientes do mundo do trabalho.

Se ainda não estamos suficientemente convencidos da importância de J.-J. Rousseau para enfrentamentos dos problemas hodiernos relativos à CTS, destacamos outro aspecto atual do pensamento rousseauiano: reconhecimento da dimensão passional, emocional e afetiva na formação humana, em confronto com a apologia da racionalidade dominante nos intelectuais do seu tempo. (SACADURA, 2012)

Como é da natureza humana a teimosia, temamos em educar em prol de dias melhores e de uma sociedade mais justa. Ainda que não tenhamos alcançados plenamente os nossos objetivos que, imbuídos de um horizonte de esperança e confiança no progresso científico, sociocultural e ético-político, possamos ser felizes com as escolhas alheias tanto no plano individual quanto coletivo – situado histórica e geograficamente. Eduquemos para que, de igual modo, as pessoas produzam o básico para se alimentar, se proteger das peraltices da natureza (frio, calor, tempestades etc). Eduquemos, pois, para que elas possam se reunir simplesmente em prol da celebração da vida, do canto e da dança, ‘verdadeiros filhos do amor e da ociosidade’, tal qual narrado por Jean-Jacques, no “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”.

Se a educação comemora? Deveria, pelos menos. Carregamos conosco ainda o sentimento de rebeldia, de dúvida e, tal qual o filosófico, de um pensar vigoroso capaz de revolucionar a vida das pessoas com o trabalho cotidiano em nossa sala de aula. Sim, a educação tecnológica também comemora!

Referências:

BAZZO, J. L. S.; DALLABRIDA, N. **Tricentenário de Rousseau: a educação comemora?** Florianópolis, SC: Jornal da Educação, 2012. (no prelo)

KIERKEGAARD, S. **É preciso duvidar de tudo**. Tradução de Sílvia S. Sampaio; Álvaro Luiz M. Valls. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ROUSSEAU, J.-J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973a, p. 207-326. (Coleção Os Pensadores XXIV)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Paidéia)

SACADURA, C. B. **No terceiro centenário do nascimento de Jean-Jacques Rousseau**: a actualidade do pensamento de Rousseau. Disponível em:<
<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/pt/noticias/go/no-terceiro-centenario-do-nascimento-de-jean-jacques-rousseau--a-actualidade-do-pensamento-de-rousseau>>.
Acesso em: Nov/2012.

SOËTARD, M. **Jean-Jacques Rousseau**. Tradução de Verone Lane Rodrigues Doliveira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.